

MAMOM, O DEUS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO?

MAMMON, THE GOD OF CONTEMPORARY MAN?

Luiz Antonio Pereira¹

Resumo:

No presente artigo, o nosso objetivo é analisar a “divindade” Mamom (“μαμωνᾶ”), que aparece no *Novo Testamento*, como por exemplo, “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt. 6:24 – *Almeida Corrigida Fiel*); e, “Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Lc. 16:13 – *Almeida Corrigida Fiel*). O nosso trabalho se divide em três momentos: 1) “Mamom (“μαμωνᾶ”), o rival de Deus”; 2) “Mamom e o capitalismo como religião”; e, 3) “Mamom, a Pandemia do Covid-19, a teologia da prosperidade e o amor prático kantiano”. Para nossa investigação, usaremos como base as versões do *Texto Bíblico*: o *Textus Receptus*, a *King James Version (KJV)* e a *Almeida Corrigida Fiel (ACF)*; e, como bibliografia secundária, as obras de Assmann e Hinkelammert (1989), Hinkelammert (1983), Souza (2020), Nicodemus (2021) e Kant (1788).

Palavras-chave: Mamom (“μαμωνᾶ”); Bíblia Sagrada; Protestantismo; Cristianismo; Deus.

Abstract:

In the present paper, our objective is to analyze the “deity” Mammon (“μαμωνᾶ”), which appears in the *New Testament*, as for example, “No man can serve two masters: for either he will hate the one, and love the other; or else he will hold to the one, and despise the other. Ye cannot serve God and mammon” (Mat. 6:24 – *King James Version*); and, “No servant can serve two masters: for either he will hate the one, and love the other; or else he will hold to the one, and despise the other. Ye cannot serve God and mammon” (Lu. 16:13 – *King James Version*). Our work is divided into three moments: 1) “Mammon (“μαμωνᾶ”), the rival of God”; 2) “Mammon and capitalism as a religion”; and, 3) “Mammon, Covid-19 Pandemic, the prosperity theology and the Kantian practical love”. For our investigation, we will use as a basis the versions of the *Biblical Text*: the *Textus Receptus*, the *King James Version (KJV)* and the *Almeida Corrigida Fiel (ACF)*; and, as a secondary bibliography, the works of Assmann and Hinkelammert (1989), Hinkelammert (1983), Souza (2020), Nicodemus (2021) and Kant (1788).

Keywords: Mammon (“μαμωνᾶ”); Holy Bible; Protestantism; Christianity; God.



¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES/PROEX. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3207-8350>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4552536049824414>, Email: pereira.philosophie@gmail.com

Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores (I Tm. 6:10).²

Mamon é o verdadeiro rival de Deus, pois se desdobra desde o núcleo em expressão de injustiça. Mamon deixa agora condição de ídolo como qualquer outro, ou de “deus pagão” sobre o qual nem se fazia necessário dissertar, para se configurar em um deus mesmo, com as suas características, entre as quais evidentemente se destaca, na tradição judaica e cristã, a exclusividade de sua existência divina, em frontal contraposição ao primeiro Mandamento (SOUZA, 2020, p. 30).

Podemos afirmar que o maior desafio da igreja, hoje, não é o islamismo, o marxismo, o ateísmo, mas o materialismo que permeia nossa cultura, que contamina a igreja, produzindo consumismo, avareza, mesquinhez, insensibilidade para com a obra de Deus e, no caso de líderes, uma visão empresarial da igreja (NICODEMUS, 2021, p. 19).

No presente artigo, o nosso objetivo é analisar a “divindade” *Mamom*³ (“μαμωνᾶ”), que aparece no *Novo Testamento*. O nosso trabalho se divide em três momentos: 1) “*Mamom (“μαμωνᾶ”), o rival de Deus*”; 2) “*Mamom e o capitalismo como religião*”; e, 3) “*Mamom, a Pandemia do Covid-19, a teologia da prosperidade e o amor prático kantiano*”.

No primeiro momento, começaremos nossa análise do significado do termo “*Mamom*”, partindo primeiramente com uma passagem do texto de Assmann e Hinkelammert (1989) e depois nós adentraremos no Texto Bíblico, onde iremos realizar algumas comparações de traduções das versões Bíblicas, em inglês e em português. No segundo momento, veremos as críticas, do capitalismo como religião, de Hinkelammert (1983) e de Souza (2020) contra a ideia de “*lack of belief*” (“*falta de fé*”) de Friedman (2002 [1962]). No último momento, nossa investigação se volta mais para o contexto brasileiro e crise sanitária da Pandemia do Covid-19, onde consideraremos as críticas de Nicodemus (2021) contra a teologia da prosperidade; e, por último, exploremos um pouco o conceito de amor prático de Kant (1788).

Mamom (“μαμωνᾶ”), o rival de Deus

Assmann e Hinkelammert, em *A idolatria do Mercado: ensaio sobre Economia e Teologia* (1989), corretamente afirmam que Mamom (“μαμωνᾶ”) aparece quatro vezes no *Novo Testamento* e que deve ser traduzido por “*Dinheiro adorado*”:

Mamon só aparece no Novo Testamento, três vezes em Lucas (Lc. 16:9, 11 e 13) e uma vez em Mateus (Mt. 6:24), e sempre na boca de Jesus. Ora, Jesus fala

² Todas as citações bíblicas em português são segundo a versão *Almeida Corrigida Fiel (ACF)*, 4.ed., São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011. Quando uma citação for de outra versão, então será devidamente identificada.

³ Ou “*Mamon*”, conforme algumas referências citadas neste trabalho. Adotamos a opção por “*Mamom*” em conformidade com a *ACF*.

aramaico, a língua ou dialeto popular. E Mamom é precisamente um termo aramaico. Há fortes indícios de que tenha sido, na linguagem popular, um insulto – sob a forma de um nome de ídolo – contra os ricos. Por isso perde-se algo da força da expressão quando Mamom é traduzido sem mais por Dinheiro, porque Mamom significa ‘Dinheiro adorado’. A frase chicoteante ‘Não podeis servir a Deus e a Mamom’ (Mt. 6:24 e Lc. 16:13) evocava inevitavelmente nos ouvintes de Jesus a contraposição, muito frequente nos textos do Antigo Testamento, entre servir a Yahwe e servir a outros deuses (por exemplo, Dt. 6:13; 7:16; e 10:20). Também São Paulo destaca o aspecto cultural do dinheiro quando fala da ‘ganância (cobiça), que é idolatria’ (Ef. 5:5; e Cl. 3:5) (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 401).⁴

É interessante, nesse momento, nos atermos nessas quatro passagens que aparece a palavra “Mamom” (“μαμωνᾶ”). Primeiramente em grego, no *Textus Receptus*; depois em inglês, na *King James Version (KJV)*; e, por último, em português, na *Almeida Corrigida Fiel (ACF)*.

Mateus 6:24:

οὐδεὶς δύναται δυσὶ κυρίοις δουλεύειν· ἢ γὰρ τὸν ἓνα μισήσει, καὶ τὸν ἕτερον ἀγαπήσει· ἢ ἐνὸς ἀνθέξεται, καὶ τοῦ ἑτέρου καταφρονήσει. οὐ δύνασθε Θεῷ δουλεύειν καὶ μαμμωνᾶ.⁵

No man can serve two masters: for either he will hate the one, and love the other; or else he will hold to the one, and despise the other. Ye cannot serve God and mammon.⁶

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

Lucas 16:9:

καγὼ ὑμῖν λέγω, Ποιήσατε ἑαυτοῖς φίλους ἐκ τοῦ μαμωνᾶ τῆς ἀδικίας, ἵνα, ὅταν ἐκλίπητε, δέξωνται ὑμᾶς εἰς τὰς αἰωνίους σκηνάς.

And I say unto you, Make to yourselves friends of the mammon of unrighteousness; that, when ye fail, they may receive you into everlasting habitations.

E eu vos digo: Fazei para vós amigos das riquezas da injustiça; para que, quando vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.

Lucas 16:11:

εἰ οὖν ἐν τῷ ἀδίκῳ μαμμωνᾶ πιστοὶ οὐκ ἐγένεσθε, τὸ ἀληθινὸν τίς ὑμῖν πιστεύσει;

⁴ Nós tomamos conhecimento dessa citação através da obra *Crítica da Razão Idolátrica: Tentações de Thanatos, Necroética e Sobrevivência*, de Souza (ver: Souza, 2020, p. 29-30). Tal citação também é utilizada por Tauchen, na obra *Idolatria – uma leitura interdisciplinar* (ver: TAUCHEN, 2020, p. 34, nota 39).

⁵ Todas as citações bíblicas em grego são segundo a versão *Textus Receptus*, London: Trinitarian Bible Society, 1976.

⁶ Todas as citações bíblicas em inglês são segundo a versão *King James Version (KJV)*, London: Trinitarian Bible Society, 2018. Quando uma citação for de outra versão, então será devidamente identificada.

If therefore ye have not been faithful in the unrighteous mammon, who will commit to your trust the true *riches*?

Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?

Lucas 16:13:

οὐδεὶς οἰκέτης δύναται δυοῖς κυρίοις δουλεύειν· ἢ γὰρ τὸν ἓνα μισήσει, καὶ τὸν ἕτερον ἀγαπήσει· ἢ ἑνὸς ἀνθέξεται, καὶ τοῦ ἑτέρου καταφρονήσει. οὐ δύνασθε Θεῷ δουλεύειν καὶ μαμωνᾷ.

No servant can serve two masters: for either he will hate the one, and love the other; or else he will hold to the one, and despise the other. Ye cannot serve God and mammon.

Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

Com relação a tradução do termo “μαμωνᾷ”, das traduções da Bíblia que foram consultadas, em português, apenas a ACF, a *Bíblia King James 1611 (BKJ)* e a *Almeida Revista e Corrigida (ARC)* optaram por “Mamom” em Mt. 6:24 e em Lc. 16:13;⁷ em inglês, a *KJV* e a *New King James Version (NKJV)* traduzem as quatro passagens por “mammon”. Algumas traduções preferem traduzir “μαμωνᾷ” por “dinheiro”⁸ ou por “riqueza”⁹ ou por ambos.¹⁰

Além do contraste do homem não poder servir a Deus e a Mamom, de Mt. 6:24 e de Lc. 16:13, bem ressaltado por Assmann e Hinkelammert (“a frase *chicoteante*”), podemos observar que, apesar das passagens de Mt. 6:24 e de Lc. 16:13 serem bem similares, a passagem de Mt. 6:24 é mais universal que Lc. 16:13, pois, em Mt. 6:24, Jesus diz que “ninguém pode servir a dois senhores”; enquanto que em Lc. 16:13, Jesus diz que “nenhum servo pode servir dois senhores”. Tal distinção não pode ser percebida nas versões *Almeida Revista e Atualizada (ARA)*, *Bíblia de Jerusalém (BJ)*, *Tradução Oficial da CNBB (TOCNBB)* e *Nova Versão Transformadora (NVT)*, tendo em vista que tais versões traduzem, equivocadamente, Lc. 16:13, excluindo o termo “οἰκέτης” (“servo”), por “ninguém pode servir a dois senhores”, da mesma forma que Mt. 6:24.¹¹

⁷ As outras passagens (Lc. 16:9 e 11), essas versões traduzem “μαμωνᾷ” por “riqueza”.

⁸ Ver: a *Bíblia de Jerusalém (BJ)*; a *Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB)*; e a *Tradução Oficial da CNBB (TOCNBB)*.

⁹ Ver: a *Almeida Revista e Atualizada (ARA)*; e a *Nova Almeida Atualizada (NAA)*.

¹⁰ A *Bíblia Sagrada Ave Maria (BSAM)* traduz “μαμωνᾷ”: por “dinheiro”, em Lc. 16:13; e por “riqueza”, em Mt. 6:24 e Lc. 16:9 e 11. A *Nova Versão Transformadora (NVT)* traduz “μαμωνᾷ”: por “dinheiro”, em Mt. 6:24 e Lc. 16:13; e por “riqueza”, em Lc. 16:9 e 11. Na *Christian Standard Bible (CSB)*, na *English Standard Version (ESV)* e na *New International Version (NIV)*, “μαμωνᾷ” é traduzido: por “money”, em Mt. 6:24 e Lc. 16:13; e por “wealth”, em Lc. 16:9 e 11. A *New Living Translation (NLT)* segue mesmo padrão (*CSB, ESV e NIV*), menos em Lc. 16:9, optando por “resources”: “Here’s the lesson: Use your worldly resources to benefit others and make friends. Then, when your possessions are gone, they will welcome you to an eternal home” (*NLT*).

¹¹ O mesmo acontece com algumas versões em inglês, que traduzem Lc. 16:13 por “No one can serve two masters”, ver: a *NIV*; e a *NLT*.

Mamom e o capitalismo como religião

Souza, na obra *Crítica da Razão Idolátrica: Tentação de Thanatos, Necroética e Sobrevivência* (2020),¹² faz uma comparação entre a idolatria a Mamom com a idolatria dos judeus a Baal, que foi condenada pelo Profeta Elias: “Então Elias se chegou a todo o povo, e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu” (I Rs. 18:21). Segundo Souza, a idolatria por Mamom tomou proporções muito maiores do que a idolatria por Baal:

ocorre uma enorme intensificação de *poder* de Mamon em relação a Baal, o que terá profundo significado na compreensão do próprio conceito de idolatria. Mais uma vez, deparamo-nos com a crescente intensificação e naturalização da potência idolátrica. O exemplo privilegiado é a congruência crescentemente perceptível entre *idolatria* e *riqueza* (SOUZA, 2020, p. 27).

Desse modo, Souza, em sua investigação crítica sobre a “razão idolátrica”,¹³

¹² Esse é o terceiro livro de uma trilogia de Souza, ver: *Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical* (2016); e *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência* (2018).

¹³ Na crítica à “razão idolátrica”, Souza propõe que a “idolatria” surge da interação entre a “razão vulgar” e a “razão ardilosa”: “A razão vulgar é, literalmente, a razão indiferente uniformemente distribuída, na qual todas as violências se combinam com a anestesia advinda da massa obtusa de acontecimentos que se precipitam e povoam o imaginário de gente igualmente obtusa, dando à homogeneização violenta do real a *aparência* de variedade infinita dos significantes, aparência que não é senão jogo infindo de espelhos que se refletem mutuamente, mas que não são senão imagens falsas, pois a verdade, aquela que Schopenhauer descreveu tão bem – ‘a verdade não depende de nenhum favor ou desfavor e não precisa pedir autorização a ninguém; ela se mantém sobre os próprios pés, o tempo é o seu conterrâneo, sua força é irresistível, sua vida, indestrutível’ [(Schopenhauer, 2018, p. 52)] –, se sente intrusa no espaço inóspito da totalização, da Totalidade fática; retira-se então para ceder espaço à ‘pós-verdade’. As máquinas, em seu ressoar automatizado, mimetizam cérebros igualmente automatizados percorridos por sangue suficiente apenas para mantê-los pulsando num arremedo de vida, cérebros que não conseguem perceber senão a esfera parda, acrílica, da qual constituem o centro geométrico do que são capazes de perceber e conceber. É a razão *idiota* em sentido etimológico. Razão servil, a razão vulgar é o campo de concentração do pensamento, onde são agrupados os estímulos incapazes de sobreviver à dinâmica feroz da dialética dos interesses; seu único argumento é não ter argumento nenhum, e disso se orgulhar. Esse é seu *narcisismo de morte*. Há, pois, em nome do discernimento mais elementar e para compreender a idolatria contemporânea, de estabelecer uma crítica da razão vulgar. Para isso, porém, tem de ser levado em consideração o fato de que não existe razão vulgar sem uma razão mais sofisticada que a sustente, pelo mero dado de que a coesão precária da razão vulgar, sua volatilidade que flutua nos níveis mais rasos de qualquer coisa remotamente semelhante à ideia de *autonomia* em sentido kantiano, não seria possível sem algum tipo de alicerce mais sólido, sem alguma estrutura de legitimação do obtuso que somente pode se apresentar a esse serviço se, por sua vez, nada tiver de obtusa, ou seja, se sua essência for a astúcia; a esse contraponto especulativo, essa outra razão não obtusa, esperta, sutil, perspicaz na persecução de seus interesses, denominamos no presente contexto *razão ardilosa*. Imbuída da difícil tarefa de sustentar a violência e vulgaridade do mundo, a razão ardilosa é e tem de se mostrar astuta; pois só pode se expressar por detrás das ideias que cria, para retomar Flusser [(2002)]. Sua violência, seu *modus operandi* circular, consiste em dispensar a moral em nome da técnica. A razão ardilosa, contraponto exato da razão vulgar e, simultaneamente, sua outra face, sabe exatamente em que consiste e a que veio; mas sua subsistência depende de sua simultânea habilidade em escamotear tanto suas razões reais quanto suas reais finalidades, ou seja, em escamotear a realidade: *existe, em suma, para esconder a verdade*. A razão ardilosa apresenta, assim, todas as razões possíveis para que a vulgaridade da razão vulgar permaneça em seu devido lugar; seu arsenal de ferramentas destinadas esterilizar o novo é enorme, pois disso depende seu

dá ênfases no antagonismo de Mamom em relação a Deus, isto é, Mamom “é o verdadeiro rival de Deus”, ele “foi definitivamente divinizado”, afrontando o “primeiro Mandamento” (*Ibid.*, p. 30), “Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim” (Êx. 20:2-3). Assim, a soberania sobre o coração da humanidade estaria colocada em xeque por Mamom?¹⁴ Mamom seria o deus de uma nova religião? Souza, de certa forma, denomina essa religião de Mamom como o capitalismo enquanto religião:

[a] verdadeira *metafísica da contemporaneidade*. Uma espécie de ‘capitalismo como religião’ simultaneamente tosco e ultrassofisticado, como destaca Hinkelammert [(2005, p. 142-143)]. Uma metafísica fantasmagórica, halo invisível porém efetivo daquilo que constitui o essencial da *transformação contínua de quantidades em qualidades*, o processo que permitiu, exatamente, que ‘tudo’ – *independentemente de suas qualidades* – se transformasse em mercadorias, ou seja, em objetos comerciáveis porque pretensamente demarcáveis quantitativamente; a vida, a morte, a dignidade, nada ficou de fora dessa exacerbação máxima deste modelo positivístico (SOUZA, 2020, p. 121).¹⁵

Nessa religião de Mamom, “*capitalismo como religião*”, tudo pode ser

sucesso. Jogo de poder, finge-se de oferta de conciliação; estratégia de violência, mimetiza-se de ‘sutileza intelectual’; recurso de cooptação, estende seus tentáculos a cada escaninho do *ainda-não*, para que nada de novo sobreviva. Assim, esse é o modelo de razão hegemônico nas altas esferas do pensamento bem-comportado a serviço do poder e do estatuído, onde se *gestam os ídolos e se administra a idolatria* ministrada como *mitologia* à razão vulgar. Em outros termos, *chamamos ‘idolatria’ a resposta massificada à articulação perfeita entre razão vulgar e razão ardilosa*” (SOUZA, 2020, p. 13-14). Sobre a idolatria em Flusser, ver: TAUCHEN 2022.

¹⁴ Tauchen também ressalta esse contraste entre o culto a Deus e culto a Mamom: “Na tradição cristã, o ídolo ou culto dos ídolos encontra-se no sentido oposto ao culto do verdadeiro Deus proclamado pelas escrituras. O mesmo ocorre em relação à fé, pois se o reconhecimento do Deus verdadeiro depende da fé e o culto a Deus apenas pode acontecer a partir da fé, a idolatria aproxima-se da incredulidade. Assim, o verdadeiro culto a Deus é incompatível ao deus dinheiro ou ao deus mercado que, por sua vez, deve ser compreendido como idolatria. O idólatra guarda dinheiro e bens somente para si, um culto como se fosse deus. Comportamento reprovado pelo Evangelho quando se refere a servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo. Jesus, ao afirmar que não é possível prestar culto simultaneamente a Deus e a Mamom (Mt. 6:24), renova o que os profetas do Antigo Testamento já haviam denunciado. No Novo Testamento o enfoque da idolatria continua atual: ‘Mamon’, nesse caso, refere-se aos bens que as pessoas acumulam e não utilizam. Quem se utiliza disso como sentido da vida, não considera a Palavra de Deus, vive sob o mando da idolatria. A ganância pelo dinheiro deve ser desmascarada em sua imagem de justiça” (TAUCHEN, 2020, p. 14).

¹⁵ A passagem de Hinkelammert, que Souza (2020, p. 324-325, nota 330) está se referindo, é a seguinte: “La pérdida de validez de todas las religiones tradicionales se da en el grado en el que se someten al criterio de la verdad de la religión del progreso infinito. Para no sucumbir, entonces, en todas ellas se desarrollan posiciones fundamentalistas ciegas y muchas veces sumamente agresivas. Este fenómeno empieza con el fundamentalismo cristiano en EU, al que siguen los diversos fundamentalismos islámicos, judíos y el actual fundamentalismo del Vaticano. Por todos lados aparecen talibanes que luchan entre sí. Pero, paralelamente, la religión del mito del progreso infinito, que derrotó a todas las religiones tradicionales, desarrolló una gran crisis en su interior. Las amenazas globales de la exclusión y de la destrucción ambiental, que son el subproducto de la persecución irrestricta de este mito, hicieron visible su carácter profundamente ilusorio. Desde el informe al Club de Roma – *Los límites del crecimiento* (1972) – ese mito se quebró perdiendo su legitimidad: se tomó entonces conciencia de los peligros del crecimiento; mas en vez de reaccionar con políticas de moderación se llevó a cabo una aceleración en el plano más destructivo del sistema, que aumentó con el colapso del socialismo histórico; y la propia modernidad hizo surgir el fundamentalismo neoliberal, tan ciego y agresivo como los fundamentalismos de las religiones tradicionales pero mucho más poderoso, apareciendo los talibanes del FMI y de las reuniones del G-7” (HINKELAMMERT, 2005, p. 142-143).

precificado e comercializado, ou seja, tudo tem seu preço: tudo pode ser trocado pela *materialidade* ou *virtualidade* da *representação do dinheiro*; onde o individualismo, no “*livre mercado*”, subjuga os direitos humanos.¹⁶ E, como em toda religião, a religião de Mamom tem os seus sacerdotes, então, quem melhor poderia cumprir esse papel senão o Milton Friedman (1912-2006)? Na obra *Capitalism and Freedom* (2002 [1962]), curiosamente, Friedman usa, em sua defesa do livre mercado, uma expressão comum das religiões, a saber, “*lack of belief*” (“*falta de fé*”):¹⁷

Indeed, a major source of objection to a free economy is precisely that it does this task so well. It gives people what they want instead of what a particular group thinks they ought to want. Underlying most arguments against the free market is a lack of belief in freedom itself (FRIEDMAN, 2002 p. 15).¹⁸

Sobre essa passagem há duas objeções que merecem nossa atenção: primeiro de Hinkelammert; e depois de Souza. Segundo Hinkelammert, na obra *As Armas Ideológicas da Morte* (1983), o

fato de que falte fé para poder ver o bom funcionamento do mercado não preocupa. Se alguém tem um carro e este funciona bem, nunca se queixa; mas queixa-se quando em algum sentido funciona mal. Isso nada tem que ver com a fé. Todavia, somente na fé se descobre o bom funcionamento do mercado. Mas onde falta fé, os que nunca a tem podem aduzir razões. Lutam, portanto, Deus e o diabo (HINKELAMMERT, 1983, p. 101).

A objeção de Souza é bem mais dura que a Hinkelammert:

¹⁶ Em *As Bases Filosóficas do Budismo Chinês* (2020), Joaquim Monteiro faz uma crítica interessante sobre a impossibilidade da fundamentação dos direitos humanos no conceito abstrato do indivíduo: “Posteriormente à Guerra Fria, a globalização dos mercados foi afirmada como um dado ou como um fato autoevidente, mas não existe equívoco em afirmar que as diversas formas de violação dos direitos humanos têm se dado em função da violência de um ‘livre mercado’ que ultrapassa infinitamente o domínio do estado nacional. [...] Nesse sentido, a questão central dos direitos humanos internacionais em nossos dias consiste em regular de alguma forma esse sistema internacional da economia de mercado que ultrapassa em muito o estado nacional, concretizando dessa forma os direitos sociais. Se formos pensar o ‘modelo do direito natural’ a partir dessa problemática, na medida em que este modelo nega até mesmo os direitos sociais, ele não é capaz de situar problemas como a miséria e a exploração na sociedade internacional como uma questão dos direitos humanos. No que diz respeito à fundamentação filosófica dos direitos humanos, na medida em que os direitos se desenvolveram historicamente, torna-se impossível fundamentá-los através de um conceito abstrato, e não histórico, do indivíduo. A razão disso é que os direitos humanos são um conceito histórico que só se tornou possível através do desenvolvimento de uma comunidade política democrática, e o próprio conceito jurídico do indivíduo abstrato pressupõe esta comunidade política. É impossível a existência dos direitos humanos em uma comunidade política antidemocrática ou fascista, na medida em que é completamente impossível defender esses direitos através de um conceito do indivíduo abstrato” (MONTEIRO, 2020, p. 223).

¹⁷ Poderíamos traduzir “*lack of belief*” por “*falta de crença*”, porém, parece que Friedman está usando “*belief*” mais no sentido de “*faith*” (“*fé*”) e não de uma crença no sentido epistemológico, como classicamente é proposto por Platão, no “*Teeteto*”, como um dos três elementos (crença, verdadeira e justificada) para se ter conhecimento – posteriormente, tal definição de conhecimento será questionado por Gettier (1963).

¹⁸ “Na realidade, a causa principal das objeções à livre economia é precisamente o fato de que realiza tão bem suas funções. Dá às pessoas o que realmente quer, e não o que um grupo determinado pensa que deveria querer. No fundo de todas as objeções contra o livre mercado há uma falta de fé na liberdade humana” (Tradução de Luiz João Galo, cf. HINKELAMMERT, 1983, p. 101). Souza usa essa tradução como base para construir sua crítica, ver: SOUZA, 2020, p. 115.

O próprio discurso contraditório faz parte do argumento. Não se trata de perguntar por que, se a livre economia funciona tão bem, há objeções a ela, mas sim de afirmar que, de algum modo, quem morre de fome por efeito colateral da livre economia está a pagar por sua ‘falta de fé na liberdade humana’ (SOUZA, 2020, p. 115).

Seja por falta de fé ou não, o certo é que Mamom, mais do que nunca, é um senhor do homem contemporâneo, sua essência, o amor pelo capital, está enraizada no coração do mesmo. Numa quase construção de uma *teodiceia*, Souza ilustra bem essa “*essentia*” de Mamom:

essencial ao próprio capitalismo enquanto tal – é a *essentia* de Mamon, essa sim verdadeira, para além das quimeras dos seus adoradores [...] (tardo-)capitalismo se transformou – ou assim se mostrou finalmente, nessa sua fase espasmódica – crescentemente numa espécie de monstro que gera e devora seus filhos – seus ídolos – na medida em que se desenvolve, tal qual um ensandecido Chronos redivivo, em uma *Totalidade idolátrica* em permanente gestação e geração *materiais* (e não apenas ideológicas ou privadas) de novos frutos, sequestrando a vida e a realidade como possibilidade de um mundo de vida [...] Por isso, idolatria e morte são irmãs gêmeas. E a verdadeira face de Mamon é a Totalidade, ou seja, a morte (*Ibid.*, p. 124-125).

Mamom, a Pandemia do Covid-19, a teologia da prosperidade e o amor prático kantiano

Se a força de Mamom aumenta a cada dia que passa, no atual consumismo frenético do capitalismo, como se dá essa relação com a Igreja de Cristo? Mamom conseguiu penetrar em algumas igrejas (denominações)? E com a crise sanitária da Pandemia do Covid-19,¹⁹ que, diferentemente do que afirma Byung-Chul Han, o século XXI não está imune a uma pandemia,²⁰ por isso medidas restritivas de isolamento foram adotadas no Brasil, que atingiram também as atividades das práticas religiosas. Sendo assim, uma questão foi colocada na mesa, se o Estado Brasileiro²¹ poderia ou não proibir as aglomerações de fiéis em atividades religiosas? Ou seja, o Estado Brasileiro, ao proibir aglomerações de fiéis em atividades religiosas, estaria violando o direito de liberdade de expressão religiosa? E muitos religiosos se posicionaram contra o fechamento das igrejas. É nesse contexto que Augustus Nicodemus lançou sua obra, justamente falando sobre o dinheiro segundo a Bíblia, *O que a Bíblia fala sobre dinheiro* (2021).²²

¹⁹ Há vários ensaios sobre a Pandemia do Covid-19 nas coletâneas: de AUGUSTO; SANTOS, 2020; e de REICH; BORGES; XAVIER, 2020. Ver também o ensaio de CASTRO, 2020.

²⁰ Na *Sociedade do Cansaço* (2017), Han afirma: “Cada época possuiu suas enfermidades fundamentais. Desse modo, temos uma época bacteriológica, que chegou ao seu fim com a descoberta dos antibióticos. Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época. Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal” (HAN, 2017, p. 7).

²¹ Quando falamos sobre o “Estado Brasileiro”, não estamos nos referindo ao (*des*)governo de Bolsonaro, mas estamos falando num sentido geral. Sabemos bem que o Presidente Bolsonaro foi contra o isolamento social e outras medidas adotadas por Governadores dos Estados contra a Pandemia do Covid-19 (ver: CPI da Covid-19).

²² Outras obras críticas aos erros de alguns movimentos dentro das igrejas, ver: NICODEMUS, 2008, 2011, 2014 e 2015.

O ataque central da obra de Nicodemus é justamente à “teologia da prosperidade”, que, segundo o autor, é um ensinamento falso:

Os abusos praticados por algumas igrejas neopentecostais quanto ao levantamento de recursos financeiros tornaram bastante delicada a questão da contribuição financeira nas igrejas evangélicas. O que distingue as mencionadas igrejas das pentecostais clássicas é a prática enfática na chamada *teologia da prosperidade*. Trata-se do falso ensino de que é da vontade de Deus que todos os seus filhos experimentem na vida terrena o melhor que os recursos materiais possam proporcionar (NICODEMUS, 2021, p. 7).²³

A teologia da prosperidade surgiu no movimento neopentecostal nos Estados Unidos da América, mas, na década de 1980, rapidamente se estendeu para Brasil, os principais nomes destacado por Nicodemus são: “Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça) e Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus)” (NICODEMUS, 2021, p. 30).²⁴ Um ponto interessante sobre o crescimento do neopentecostalismo brasileiro, ressaltado por Nicodemus, em *O que estão fazendo com a Igreja: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro* (2008), é por causa da *alma católica* dos evangélicos brasileiros:

Quando vejo o apego de grandes massas ditas evangélicas às práticas medievais católicas – de objetos ungidos e consagrados para o culto a Deus, busca por bispos e apóstolos, recurso a práticas supersticiosas – pergunto-me se, ao final das contas, o neopentecostalismo brasileiro não é, na verdade, um filho da Igreja Católica medieval, uma forma de neocatolicismo tardio que surge e cresce em nosso país onde até os evangélicos têm alma católica” (NICODEMUS, 2008, p. 31).

Outro ponto sobre os evangélicos brasileiros, nessa mesma obra, está na declaração anônima que Nicodemus dá destaque: “Como declarou alguém, ‘somos evangélicos moldados por uma argamassa meio católica, meio espírita e pouco ou nada reformada’” (*Ibid.*, p. 21).

Agora, com relação a falsidade da teologia da prosperidade, ela não se encaixa como uma heresia clássica, isto é, ela, segundo Nicodemus, “não nega diretamente nenhuma das verdades fundamentais do cristianismo, como ocorre, por exemplo, com a visão sobre a pessoa de Cristo defendida por mórmons e testemunhas de Jeová” (NICODEMUS, 2021, p. 30).²⁵ Todavia, a falsidade da teologia

²³ Segundo Nicodemus, “para evitar qualquer associação indevida com o que é apregoado pela teologia da prosperidade, muitos conselhos e pastores de igrejas históricas e reformadas resolveram abolir qualquer menção, durante os cultos, ao tema ‘contribuição’. Se, por um lado, essa atitude evita um possível mal-entendido relacionado à questão financeira, de outro, acaba gerando prejuízos para o entendimento do que é a verdadeira mordomia cristã. O abuso praticado não pode sobrepujar a realidade de que igrejas precisam de recursos para manter vivo o trabalho desenvolvido nem pode invalidar o princípio bíblico da contribuição sistemática, regular e generosa para o sustento da obra de Deus” (NICODEMUS, 2021, p. 8).

²⁴ Santiago também se autointitula como “Apóstolo”, sobre a impossibilidade do apostolado contemporaneamente, ver: NICODEMUS, 2014.

²⁵ Em Jo. 1:1 diz o seguinte: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (ACF); porém, na *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (TNMES)*, das Testemunhas de Jeová, Jo. 1:1 é traduzido por “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com o Deus, e a Palavra era [um] deus” (TNMES, colchetes da tradução). Nessa tradução da TNMES tem dois problemas: 1) usa “um”, artigo indefinido, não dando para identificar qual era esse “deus”; e 2)

da prosperidade está na ênfase exagerada a um ponto da doutrina Bíblia, que reconfigura toda a Teologia Bíblica segundo esse ponto, ou seja, a teologia da prosperidade se torna a lente de exegese bíblica:

A teologia da prosperidade, semelhantemente à teologia da libertação e ao movimento de batalha espiritual, identifica um ponto bíblicamente correto, abstrai-o do contexto maior das Escrituras e utiliza-o como lente através da qual faz uma releitura de toda a revelação, excluindo as passagens que não se encaixam em sua definição. O resultado é uma religião tão diferente da Bíblia que dificilmente poderia ser considerada cristianismo pelas igrejas históricas (*Ibid.*)

Nicodemus apresenta nove ensinamentos da teologia da prosperidade que desequilibram a Teologia Bíblica: 1) *Bênçãos materiais dadas por Deus*; 2) *Oração por bênçãos materiais*; 3) *Declaração de prosperidade*; 4) *Dízimos e a obrigação de Deus*; 5) *Os demônios e a miséria humana*; 6) *A importância da fé*; 7) *A busca de uma vida melhor aqui no mundo*; 8) *Buscar a Deus*; e 9) *Deus abençoava materialmente seu povo no Antigo Testamento* (cf.: *Ibid.*, 2021, p. 31-37).

As “*bênçãos materiais dadas por Deus*” é um ensinamento bíblico, Nicodemus menciona duas passagens para fundamentar esse ensino: Sl. 145:16²⁶ e Mt. 7:11.²⁷ Todavia, a teologia da prosperidade, segundo Nicodemus, omite que tais “*bênçãos materiais*” são dadas de Deus dada *gratuitamente*, e não conquistada pelo “*mérito*” do homem, como bem adverte Moisés: Dt. 8:17-18.²⁸ Desse modo, “não podemos reivindicar a Deus ou existir dele que nos conceda bens materiais como se tivéssemos direito a eles. Exigir de Deus prosperidade é um ensino errôneo, assim como fazer campanhas para esse fim e estabelecer propósito para alcançá-la” (*Ibid.*, p. 31).

Nicodemus também ressalta que a Bíblia ensina “*oração por bênçãos materiais*”, em III Jo. 1:2²⁹ e Mt. 6:11,³⁰ porém, a vontade de Deus, não está *condicionada* a oração do fiel, não é uma questão de “*falta de fé ou fidelidade*” do fiel, mas de soberania da vontade de Deus. O autor menciona o exemplo de Moisés,

“*deus*” com “*d*” minúsculo, ou seja, Jesus seria um “*deus menor*” que o Deus (Pai), assim, anulando a “*Unidade da Trindade*”. Há uma nota interessante na *TNMES* explicando o uso dos colchetes: “Os colchetes encerram palavras inseridas para completar o sentido em português” (*TNMES*, p. 1548). Na nova tradução da *TNMES*, a *Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada (TNMBS)*, os colchetes de Jo. 1:1 desaparecem e o artigo indefinido “*um*” passa a fazer parte do texto: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era um deus” (*TNMBS*). Uma curiosidade, a *BJ*, que é uma tradução católica, comete o mesmo erro de tradução que a *TNMES* e a *TNMBS*, não em Jo. 1:1, mas em Fp. 2:6, a *BJ* faz a seguinte tradução desastrosa: “Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus” (*BJ*). Nesse caso, Jesus (Ele) abdicou do próprio direito de ser tratado como “*um deus*”. Se estudiosos cristãos (católicos e protestantes) repudiam a tradução de Jo. 1:1 da *TNMES* e da *TNMBS*, então deveriam repudiar também Fp. 2:6 da *BJ*. A tradução correta de Fp. 2:6 é a seguinte: “Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus” (*ACF*).

²⁶ “Abres a tua mão, e fartas os desejos de todos os viventes” (Sl. 145:16).

²⁷ “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que *está* nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mt. 7:11).

²⁸ “E digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza da minha mão, me adquiriu este poder. Antes te lembrarás do SENHOR teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires riqueza; para confirmar a sua aliança, que jurou a teus pais, como *se vê* neste dia” (Dt. 8:17-18).

²⁹ “Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma” (III Jo. 1:2).

³⁰ “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (Mt. 6:11).

que pediu para entrar na terra prometida, mas Deus negou veemente tal pedido.³¹ Outro exemplo, mencionado por Nicodemus, é do Apóstolo Paulo, que estando sofrendo por um espinho na carne, orou três vezes para se livrar de tal sofrimento, mas Deus não atendeu sua oração.³² A vontade soberana de Deus subjuguou a vontade de Moisés e a vontade de Paulo!

Fazer campanhas de oração, estabelecer propósitos, orar no monte e jejuar, nada disso obriga Deus a nos conceder bens, saúde e libertação de males. Devemos lembrar que ele nos atende conforme a vontade dele. O Senhor é infinitamente sábio e sabe o que é melhor para nós (I Jo. 5:14) (*Ibid.*, p. 32).³³

Sobre a “*declaração de prosperidade*”, Nicodemus diz que “por trás do ‘declarar’ é a ideia não bíblica de que as nossas palavras têm poder para criar realidades no mundo material”. Isso Nicodemus chama de “declaração positiva” (*Ibid.*), onde o fiel acredita que por causa de sua “declaração positiva”, Deus lhe concederia desde saúde e prosperidade até a libertação de algum mal. Assim, nos parece que, de certa forma, a “declaração positiva” se assemelha a um tipo de “*lei da atração*”;³⁴ contudo, o que difere é que na “declaração positiva” não é só uma lei que *rege* como saciar os desejos da vontade humana, mas a própria vontade de Deus que está condicionada e limitada pela “declaração positiva” do fiel. Nesse caso, preferimos até denominar essa “declaração positiva” de “*semântica criativa*”, pois parece que o fiel da teologia da prosperidade se apropriou indevidamente da “*Semântica Criativa*” de Deus.³⁵ Ele, o fiel, diz o que quer e Deus realiza o seu pedido. Assim, Deus é mais que um Gênio da Lâmpada, tendo em vista que não se limita apenas a realizar três desejos, mas realiza tudo que o fiel possa pedir. Por isso, Nicodemus enfatiza que devemos declarar as virtudes de Deus, como em Sl.: 22:22,³⁶ 71:18³⁷ e 75:1,³⁸ mas com relação a declaração positiva, ou a *semântica criativa*, “não temos o poder de realizar curas e obter vitórias apenas “declarando”.

³¹ “Também eu pedi graça ao SENHOR no mesmo tempo, dizendo: Senhor DEUS! Já começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua forte mão; pois, que Deus *há* nos céus e na terra, que possa fazer segundo as tuas obras, e segundo os teus grandes feitos? Rogo-te que me deixes passar, para que veja *esta* boa terra que está além do Jordão; esta boa montanha, e o Líbano! Porém o SENHOR indignou-se muito contra mim por causa de vós, e não me ouviu; antes o SENHOR me disse: Basta; não me fales mais deste assunto; sobe ao cume de Pisga, e levanta os teus olhos ao ocidente, e ao norte, e ao sul, e ao oriente, e vê com os teus olhos; porque não passarás este Jordão. Manda, pois, a Josué, e anima-o, e fortalece-o; porque ele passará adiante deste povo, e o fará possuir a terra que verás. Assim ficamos neste vale, defronte de Bete-Peor” (Dt. 3:23-29).

³² “E, para que não me exaltasse pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, *a saber*, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de não me exaltar. Acerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de mim. E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo” (II Co.12:7-9).

³³ “E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve” (I Jo. 5:14).

³⁴ *Ver*: Byrne, 2006.

³⁵ “No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e *havia* trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gn. 1:1-3).

³⁶ “Então declararei o teu nome aos meus irmãos; louvar-te-ei no meio da congregação” (Sl. 22:22).

³⁷ “Agora também, quando estou velho e de cabelos brancos, não me desampares, ó Deus, até que tenha anunciado a tua força a *esta* geração, e o teu poder a todos os vindouros” (Sl. 71:18).

³⁸ “A ti, ó Deus, glorificamos, *a ti* damos louvor, pois o teu nome *está* perto, as tuas maravilhas o declaram” (Sl. 75:1).

Nossas palavras não têm poder algum em si mesmas para levar Deus a abençoar-nos materialmente” (*Ibid.*).

Com relação ao ponto sobre “*dízimos e a obrigação de Deus*”, de certa forma, a doação do dízimo, na teologia da prosperidade, é uma forma de *barganha* com Deus: a doação do “dízimo é visto como lei divina e como condição para que Deus libere bênçãos materiais” (*Ibid.*). Muitas vezes, diz Nicodemus, líderes³⁹ da teologia da prosperidade usam Ml. 3:8-11 para pressionar psicologicamente os fiéis:

Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição *sois* amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não *haja lugar* suficiente para a *recolherdes*. E por causa de vós repreenderei o devorador, e ele não destruirá os frutos da vossa terra; e a vossa vide no campo não será estéril, diz o SENHOR dos Exércitos (Ml. 3:8-11).⁴⁰

A prática de dar o dízimo, como a grande maioria sabe, é bíblico, foi estabelecida “antes da lei de Moisés”.⁴¹ O dízimo, como bem afirma Nicodemus, é uma forma de gratidão⁴² do fiel pela graça dada por Deus, seja de bens materiais, de saúde e/ou espiritual. Logo, “a entrega do dízimo deve ser expressão de nossa gratidão e adoração a Deus, não de barganha para obter algum tipo de retribuição [...] Ele não tem a menor obrigação de retribuir financeiramente a quem “planta uma semente” com seu dízimo” (NICODEMUS, 2021, p. 33).

A teologia da prosperidade está correta, segundo Nicodemus, em defender a relação entre “*os demônios e a miséria humana*”. Demônios podem arruinar as finanças dos fiéis e até sua saúde, Nicodemus fundamenta isso com as passagens de Jó 1:9-12,⁴³ Lc. 13:11⁴⁴ e Ef. 2:1-3.⁴⁵ Também podemos mencionar que Satanás,

³⁹ Sobre os mercenários/mercadores da fé, ver: Silva, 2018, p. 238-240; e Nicodemus, 2021, p. 65-71.

⁴⁰ Segundo Nicodemus, “o ‘devorador’, geralmente interpretado”, pelos líderes da teologia da prosperidade, “como um demônio que ataca a propriedade dos infiéis” (Nicodemus, 2021, p. 33).

⁴¹ “E bendito *seja* o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abraão deu-lhe o dízimo de tudo” (Gn. 14:20). “A quem também Abraão deu o dízimo de tudo, e primeiramente é, por interpretação, rei de justiça, e depois também rei de Salém, que é rei de paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre. Considerai, pois, quão grande *era* este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos” (Hb. 7:2-4).

⁴² “Cada um *contribua* segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria” (II Co. 9:7).

⁴³ “Então respondeu Satanás ao SENHOR, e disse: *Porventura* teme Jó a Deus em vão? *Porventura* tu não cercaste de sebe, a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e o seu gado se tem aumentado na terra. Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e *verás* se não blasfema contra ti na tua face. E disse o SENHOR a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem *está* na tua mão; somente contra ele não estendas a tua mão. E Satanás saiu da presença do SENHOR” (Jó 1:9-12).

⁴⁴ “E eis que estava ali uma mulher que tinha *um* espírito de enfermidade, *havia* já dezoito anos; e andava curvada, e não podia de modo algum endireitar-se” (Lc. 13:11).

⁴⁵ “E vos *vivificou*, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também” (Ef. 2:1-3).

segundo a Bíblia, não se contentou em apenas em atacar os bens⁴⁶ e a família⁴⁷ de Jó, mas atacou o próprio Jó, dando-lhe “*úlceras malignas*” por todo o corpo.⁴⁸ Nesses casos, para os cristãos, segundo Nicodemus, a oração é armadura contra Satanás:

Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos (Ef. 6:14-18).

Todavia, Nicodemus adverte que a miséria humana não é de toda responsabilidade dos demônios, mas também há responsabilidade da própria humanidade:

existem outros fatores responsáveis pela miséria humana, como a corrupção, a desonestidade, a ganância, a mentira e a injustiça, que se combatem não com expulsão de demônios e quebra de maldições, mas com ações concretas no âmbito social, político e econômico, quer individuais, quer coletivas. Se considerarmos que apenas os demônios são responsáveis pelos males que nos afligem, perderemos de vista o ensino bíblico de que grande parte de nossos males resulta de nossos pecados e de que precisamos arrepender-nos e buscar a Deus para que sejamos livres (NICODEMUS, 2021, p. 34).

Sobre “*a importância da fé*”, para alguém que tenha algum conhecimento de protestantismo, é algo que se evidencia nos primeiros estudos da *teologia protestante*, pois a fé é uma bandeira da Reforma Protestante (século XVI): *Sola Fide* (*Somente a Fé*) é um dos cinco *Sola* (*Sola Scriptura*,⁴⁹ *Sola Gratia*,⁵⁰ *Sola Fide*, *Solus Christus*⁵¹ e *Soli Deo Gloria*)⁵² da Reforma. O ponto ressaltado por Nicodemus é que muitos pastores da teologia da prosperidade usam Mt. 21:22⁵³ para defender que a fé é necessária para obter aquilo que desejamos, com tudo, a fé não é uma “*garantida de que Deus nos dará tudo que lhe pedirmos*”. Nicodemus

⁴⁶ “Que veio um mensageiro a Jó, e *lhe* disse: Os bois lavravam, e as jumentas pastavam junto a eles; e deram *sobre eles* os sabeus, e os tomaram, e aos servos feriram ao fio da espada; e só eu escapei para trazer-te a nova. Estando este ainda falando, veio outro e disse: Fogo de Deus caiu do céu, e queimou as ovelhas e os servos, e os consumiu, e só eu escapei para trazer-te a nova. Estando ainda este falando, veio outro, e disse: Ordenando os caldeus três tropas, deram sobre os camelos, e os tomaram, e aos servos feriram ao fio da espada; e só eu escapei para trazer-te a nova” (Jó 1:14-17).

⁴⁷ “Estando ainda este falando, veio outro, e disse: Estando teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo vinho, em casa de seu irmão primogênito, eis que *um* grande vento sobreveio dalém do deserto, e deu nos quatro cantos da casa, que caiu sobre os jovens, e morreram; e só eu escapei para trazer-te a nova” (Jó 1:18-19).

⁴⁸ “Então Satanás respondeu ao SENHOR, e disse: Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Porém estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos, e na carne, e *verás* se não blasfema contra ti na tua face! E disse o SENHOR a Satanás: Eis que ele *está* na tua mão; porém guarda a sua vida. Então saiu Satanás da presença do SENHOR, e feriu a Jó de úlceras malignas, desde a planta do pé até ao alto da cabeça” (Jó 2:4-7).

⁴⁹ Somente a Escrituras.

⁵⁰ Somente a Graça.

⁵¹ Somente a Cristo.

⁵² Glória Somente a Deus.

⁵³ “E, tudo o que pedirdes em oração, crendo, *o* recebereis” (Mt. 21:22).

lembra que “a fé nos garante que nosso Deus nos ouve e nos responde de acordo com o que ele sabe ser melhor para nós” (*Ibid.*). Ou seja, a vontade de Deus não é determinada pela fé do fiel, Nicodemos cita duas passagens para fundamentar sua interpretação, a saber, Rm. 8:26-28⁵⁴ e 12:1-2.⁵⁵

Com relação “a busca de uma vida melhor aqui no mundo”, o crente cristão pode buscar ascender socialmente e ter uma qualidade melhor de vida, isso autorizado na Bíblia, como bem afirma Nicodemus, em Gn. 1:28,⁵⁶ 12:1-2⁵⁷ e I Co. 7:21;⁵⁸ porém

a teologia da prosperidade esquece que deixar de ascender socialmente e de alcançar poderio financeiro não é sinal de infidelidade do crente nem prova de que Deus o esteja castigando. Em outras palavras, a riqueza não é sinal de aprovação da parte de Deus assim como uma vida modesta, simples e apertada não é sinal do desfavor divino (*Ibid.*, p. 35).

Segundo os relatos bíblicos, os cristãos, em vários momentos, foram tratados como o lixo deste mundo: passaram fome, sede, frio por estarem nus, foram perseguidos, espancados, condenados à morte e mortos. O Apóstolo Paulo, quando ainda era chamado de Saulo (como perseguidor da Igreja de Cristo) viu e consentiu com a morte do cristão Estêvão por apedrejamento.⁵⁹ Além disso, dentre

⁵⁴ “E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos. E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm. 8:26-28).

⁵⁵ “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus” (Rm. 12:1-2).

⁵⁶ “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gn. 1:28).

⁵⁷ “Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção” (Gn. 12:1-2).

⁵⁸ “Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião” (I Co. 7:21).

⁵⁹ “E levantaram-se alguns que eram da sinagoga chamada dos libertinos, e dos cireneus e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, e disputavam com Estêvão” (At. 6:9). Não gostando do que ouviram de Estêvão (*ver.* At. 7:2-53), eles “enfureciam-se em seus corações, e rangiam os dentes contra ele. Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus; e disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus. Mas eles gritaram com grande voz, taparam os seus ouvidos, e arremeteram unânimes contra ele. E, expulsando-o da cidade, o apedrejaram. E as testemunhas depuseram as suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estêvão que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu” (At. 7:54-60). “E também Saulo consentiu na morte dele. E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e de Samaria, exceto os apóstolos” (At. 8:1).

as diversas passagens citadas por Nicodemus (Hb. 11:36-38,⁶⁰ II Co. 6:4-10⁶¹ e 11:23-29),⁶² destacamos I Co. 4:9-13:

Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens. Nós *somos* loucos por amor de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós vis. Até esta presente hora sofremos fome, e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos; somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo deste mundo, e como a escória de todos (I Co. 4:9-13).

O “*buscar a Deus*” para atender as nossas necessidades está bem claro na Bíblia, Nicodemus aponta para Mt. 6:7-8,⁶³ e Fp. 4:19,⁶⁴ mas “é errado fazer disso a principal motivação para as oração e relacionamento com” Deus. O problema é que, muito das vezes, o materialismo é o fim último buscado nas “campanhas, propósitos, vigílias e cultos em prol da vitória financeira e da libertação dos males” (NICODEMUS, 2021, p. 36). Isso já foi advertido por Jesus:

E, achando-o no outro lado do mar, disseram-lhe: Rabi, quando chegaste aqui? Jesus respondeu-lhes, e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou (Jo. 6:25-27).

Sobre o último ponto, “*Deus abençoava materialmente seu povo no Antigo*

⁶⁰ “E outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram *vestidos* de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (Dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra” (Hb. 11:36-38).

⁶¹ “Antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo; na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no conhecimento, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, à direita e à esquerda, por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama; como enganadores, e *sendo* verdadeiros; como desconhecidos, mas sendo bem conhecidos; como morrendo, e eis que vivemos; como castigados, e não mortos; como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo, e possuindo tudo” (II Co. 6:4-10).

⁶² “São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em *perigo de* morte, muitas vezes. Recebi dos judeus cinco quarentenas *de açoites* menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da *minha* nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas. Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu me não abraze?” (II Co. 11:23-29).

⁶³ “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes. [...] O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (Mt. 6:7-8,11).

⁶⁴ “O meu Deus, porém, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (Fp. 4:19).

Testamento”, Nicodemus pontua que a teologia da prosperidade está certa em enfatizar que Deus abençoava o povo de Israel no Antigo Testamento, como por exemplo, Dt. 28:1-14.⁶⁵ Nesse contexto, Israel era uma teocracia, mas a Igreja Cristã é uma comunidade espiritual não restrita a um Estado, ou a uma demarcação territorial e nem se restringe a um determinado povo:

A igreja cristã, que é a herdeira espiritual de Israel, não é uma nação. Ainda temos uma aliança com Deus, mas não está condicionada à obtenção de bênçãos materiais por parte de Deus. A igreja não tem território nem sistema econômico. Seu povo é um povo espiritual, oriundo de todas as tribos, raça e povos. Embora Deus, por sua vontade, possa abençoar materialmente os cristãos, o foco do Novo Testamento está nas bênçãos espirituais, como justificação, santificação e finalmente glorificação (Ef. 1:3). Não podemos tomar passagens do Antigo Testamento em que Deus promete bênçãos materiais a Israel *como nação* e aplica-las ao cristão *individualmente* (NICODEMUS, 2021, p. 36-37).⁶⁶

Por esses motivos é claro que as *igrejas históricas protestantes* não podem considerar a teologia da prosperidade como cristã, tendo em vista que tal teologia, em vários momentos, dá ênfase nos bens materiais limitados à vida terrena, do aqui e do agora. Uma questão que fica é: se a teologia da prosperidade é um ensinamento falso, então qual seria o deus dela? Será que tal teologia não seria a própria *teologia de Mamom*?

Agora, se pensarmos na síntese dos *Mandamentos* feita por Jesus:

O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes (Mc. 12:30-31).

Muitas das vezes, essa idolatria dos cristãos pelo material, na teologia da prosperidade, viola esse Primeiro Mandamento, pois coloca Mamom no lugar

⁶⁵ “E será que, se ouvires a voz do SENHOR teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, o SENHOR teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do SENHOR teu Deus: bendito serás na cidade, e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais; e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua amassadeira. Bendito serás ao entrares, e bendito serás ao saíres. O SENHOR entregará, feridos diante de ti, os teus inimigos, que se levantarem contra ti; por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão da tua presença. O SENHOR mandará que a bênção esteja contigo nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão; e te abençoará na terra que te der o SENHOR teu Deus. O SENHOR te confirmará para si como povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do SENHOR teu Deus, e andares nos seus caminhos. E todos os povos da terra verão que é invocado sobre ti o nome do SENHOR, e terão temor de ti. E o SENHOR te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto do teu solo, sobre a terra que o SENHOR jurou a teus pais te dar. O SENHOR te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no teu tempo, e para abençoar toda a obra das tuas mãos; e emprestarás a muitas nações, porém tu não tomarás emprestado. E o SENHOR te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do SENHOR teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir. E não te desviarás de todas as palavras que hoje te ordeno, nem para a direita nem para a esquerda, andando após outros deuses, para os servires” (Dt. 28:1-14).

⁶⁶ “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (Ef. 1:3).

central de suas vidas, ou seja, Deus seria no máximo um assistente para atingir os benefícios materiais de Mamom.⁶⁷

O Segundo Mandamento é completamente anulado, o amor para com seus semelhantes é sufocado pela avareza dos fiéis. Se é difícil de um fiel amar seu irmão mais próximo, imagine amar o seu inimigo: “Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam; bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra” (Lc. 6:27-29). Por isso que Immanuel Kant (1724-1804), no Terceiro Capítulo, “*Von den Triebfedern der reinen praktischen Vernunft*” (“*Dos móveis da razão prática pura*”),⁶⁸ da *Analítica da Crítica da Razão Prática (KpV)*, de 1788, denomina esse mandamento de “*amor prático*”. O autor apresenta o amor prático em oposição ao amor patológico. Apesar da possibilidade de ter tanto amor prático, quanto amor patológico, por uma pessoa, apenas o amor prático pode ser ordenado: o “amor [patológico], na verdade, é possível para com o homem mas não pode ser ordenado; pois o homem não tem a capacidade de amar alguém meramente por mando”. E, com relação a Deus, somente o amor prático pode ser atribuído, tendo em vista que o “amor a Deus como inclinação (amor patológico) é impossível, pois Deus não é nenhum objeto dos sentidos” (KANT, *KpV*, A 148; Ak. 5:83). Logo, conclui Kant,

somente o *amor prático* é compreendido naquele núcleo de todas as leis. Amar a Deus significa, neste sentido, praticar *de bom grado* seus mandamentos; amar o próximo significa praticar *de bom grado* todos os deveres para com ele. Mas o mandamento que torna isso uma regra não pode tampouco ordenar que se *tenha* essa disposição em ações conformes ao dever, mas simplesmente que se *aspire* a isso. Pois um mandamento de que se deva fazer algo de bom grado é em si contraditório, porque, se já sabemos espontaneamente o que nos obriga a fazer algo, se além disso também fôssemos conscientes de fazê-lo espontaneamente, um mandamento correspondente resultaria totalmente desnecessário e, se de fato o fazemos mas não precisamente de bom grado e, sim, somente por respeito à lei, um mandamento que precisamente tornasse esse respeito um móbil da máxima atuaria exatamente de encontro à disposição ordenada (KANT, *KpV*, A 148-149; Ak. 5:83).

⁶⁷ Nicodemus, comentando Mt. 6:24, também ressalta Mamom como “*um deus, uma potestade, um ídolo do coração*” que tenta tomar o lugar de Deus: “Jesus se refere às riquezas como um ‘senhor’, e senhores exigiam de seus escravos devoção integral. ‘Riquezas’ é a tradução da palavra aramaica *mamom*, que carrega uma conotação muito negativa. Elas são vistas como um deus, uma potestade, um ídolo do coração que tenta nos dominar e tomar o lugar do Senhor. Era impossível a um escravo servir a dois senhores ao mesmo tempo. A devoção a um implicaria o desprezo ao outro. Portanto, é impossível servir às riquezas e a Deus, pois são opostos e rivais no que se refere à devoção. ‘Servir às riquezas’ significa fazer delas o alvo maior da vida, acumular tesouros, juntar bens materiais, depender deles, dedicar-se inteiramente a ter mais e mais. Significa também preservar essas riquezas, guarda-las, não dar, não ofertar, não ser generoso. Por isso, a avareza é chamada de idolatria na Bíblia, pois reflete uma profunda devoção ao deus mamom. Em contraste, servir a Deus é usar os bens materiais para os fins por ele determinados, como o sustento pessoal e da família, o sustento da obra de Deus e o auxílio aos pobres e necessitados” (NICODEMUS, 2021, p. 19).

⁶⁸ Sobre a tradução do termo “*Triebfeder*” por “*móbil*”, ver: PEREIRA, 2021.

Considerações finais

A advertência de Jesus contra Mamom se tonar a cada dia mais e mais pertinente. Parece que Mamom avança suas garras no domínio do coração do homem contemporâneo, seja o homem secular ou o homem religioso (no caso do presente texto, o cristão brasileiro). Como foi apresentado, o homem secular está a cada dia mais dominado pela idolatria religiosa do capitalismo, mas, felizmente, muitos críticos, como Hinkelammert e Souza, ainda não têm a “fé” de Friedman por essa religiosidade. Já o homem religioso (o cristão brasileiro) está exposto, em vários momentos, ao ensino falso da teologia da prosperidade, por isso se faz necessário pastores, como Nicodemus, se levantarem contra tal doutrina. Logo, é sempre importante voltar para advertência de Jesus: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt. 6:24).

Bibliografia

I. Versões do Texto Bíblico

I.1 Grego

Textus Receptus. London: Trinitarian Bible Society, 1976.

I.2 Inglês

Christian Standard Bible. Nashville: Holman Bible Publishers, 2017.

English Standard Version. Wheaton: Crossway, 2001.

King James Version. London: Trinitarian Bible Society, 2018.

New International Version. Colorado Springs: Biblica, 2011.

New King James Version. Nashville: Thomas Nelson, 1982.

New Living Translation. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2015.

I.3 Português

Almeida Corrigida Fiel. 4.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

Almeida Revista e Atualizada. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Almeida Revista e Corrigida. 4.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora, 2013.

Bíblia King James 1611. Niterói: BV Books Editora, 2015.

Bíblia Sagrada Ave Maria. 12.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2020.

Nova Almeida Atualizada. 3.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Nova Versão Transformadora. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

Tradução Ecumênica da Bíblia. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

Tradução Oficial da CNBB. 3.ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

II. Outros livros religiosos do cristianismo não-trinitariano

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.

Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2015.

III. Outras Obras

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: ensaio sobre Economia e Teologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

AUGUSTO, Cristiane Brandão; SANTOS, Rogerio Dutra dos (Orgs.). *Pandemias e Pandemônio no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

BYRNE, Rhonda. *The Secret*. New York: Atria Books/Beyond Words, 2006.

CASTRO, Fabio Caprio Leite de. Reflexões sobre a pandemia, a crise brasileira e um possível horizonte de ação. In: SCORALICK, Klinger (Org.). *Filosofia em confinamento*. Rio de Janeiro: Batuque, 2020, p. 97-103.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalism and Freedom*. 3.ed. (40th anniversary ed. – 1962). Chicago/London: The University of Chicago Press, 2002.

GETTIER, Edmund L. Is Justified True Belief Knowledge? *Analysis*, v. 23, n. 6, p. 121-123, 1963. DOI: <https://doi.org/10.1093/analys/23.6.121>.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HINKELAMMERT, Franz. J. *As Armas Ideológicas da Morte*. Tradução de Luiz João

Galo. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

HINKELAMMERT, Franz. J. *Solidaridad o suicidio colectivo*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2005.

KANT, Immanuel (1788). *Kritik der praktischen Vernunft*. Akademie-Ausgabe. (*Crítica da Razão Prática*. Tradução de Valerio Rohden. Edição Bilingue: Alemão/Português. São Paulo: Martins Fontes, 2003).

MONTEIRO, Joaquim. *As Bases Filosóficas do Budismo Chinês*. Campinas: Editora Phi, 2020.

NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a Igreja: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008.

NICODEMUS, Augustus. *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2011.

NICODEMUS, Augustus. *Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014.

NICODEMUS, Augustus. *Polêmicas na Igreja: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2015.

NICODEMUS, Augustus. *O que a Bíblia fala sobre dinheiro*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2021.

PEREIRA, Luiz Antonio. Sobre o móbil (“*Triebfeder*”) e o motivo (“*Bewegungsgrund*”) na filosofia prática kantiana. *Estudos Kantianos*, v. 9, n. 1, p. 89-96, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36311/2318-0501.2021.v9n1.p89>.

PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani (Orgs.). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfionline, 2020.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a vontade na natureza*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SILVA, Rodrigo. *O ceticismo da fé: Deus – uma dúvida, uma certeza, uma distorção*. Barueri: Ágape, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical*. Caxias do Sul: EDUCS, 2016.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da Razão Idolátrica: Tentação de Thanatos*,

Necroética e Sobrevivência. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

TAUCHEN, Jair Inácio. *Idolatria – uma leitura interdisciplinar*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36592/9786587424125>.

TAUCHEN, Jair Inácio. A idolatria em Vilém Flusser. *Veritas*, v. 67, n. 1, p. e41863-e41863, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2022.1.41863>.

Recebido: 08/2022

Aprovado: 11/2022